

MULTICULTURALISMO E SINCRETISMO ¹

Sergio F. Ferretti²

1. Multiculturalismo:

O ambiente universitário aprecia a apresentação de conceitos novos e multiculturalismo, no momento é um deles, ao passo que sincretismo é um conceito mais antigo e menos valorizado. Falar em multiculturalismo é um novo pretexto para voltarmos a dizer algo sobre sincretismo, o que propomos fazer aqui.

O jamaicano inglês Stuart Hall (2003), um dos que têm mais escrito sobre multiculturalismo, discute o tema contando um pouco de sua história de vida e discorrendo a respeito das sociedades multiculturais em que convive. Segundo Stuart Hall

“O multiculturalismo refere-se a estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiculturalidade gerados pelas sociedades multiculturais. É normalmente utilizado no singular significando a filosofia específica ou a doutrina que sustenta estratégias multiculturais”. (HALL, 2003: 52)

Stuart Hall considera que existem muitas sociedades multiculturais e diversos multiculturalismos. O multiculturalismo, não é algo novo, e como o sincretismo já estava presente no mundo helênico, em termos de interação entre o centro e a periferia. Os impérios e os sistemas coloniais são multiculturais, mas o fenômeno tem se intensificado após a Segunda Guerra Mundial e, sobretudo nas últimas décadas.

Segundo Hall (2003: 52), o termo multicultural é qualificativo, relacionado a características sociais e problemas de governabilidade em qualquer sociedade na qual convivem diferentes comunidades culturais, enquanto o termo multiculturalismo é substantivo, referindo-se a estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade gerados pelas sociedades multiculturais. Existem muitos tipos de sociedades multiculturais como os USA, a Grã-Bretanha, a França, a África do Sul, a Nigéria e outras, que são sociedades heterogêneas. Há sociedades multiculturais distintas e diversos multiculturalismos. O multiculturalismo é uma idéia contestada pela direita, pela esquerda, pelos liberais, pelos modernizadores, pelos antirracistas, etc.

Hall (2003) estuda o multiculturalismo no caso britânico. Lembra que a Grã-Bretanha foi o centro do maior império dos tempos modernos e governou uma variedade de culturas. Atualmente os imigrantes constituem 7% da população britânica e 25% da população de Londres e

¹ Conferência apresentada no I Congresso Internacional em Ciências da Religião, do PPGCR da Universidade Católica de Goiás, Goiânia 03 a 05/09/2007. Publicado In: MOREIRA, A S e OLIVEIRA, I D. O futuro das religiões na sociedade global. Uma perspectiva multicultural. São Paulo: Paulinas/UCG, 2008, p 37-50.

² Dr. em Antropologia Prof. da UFMA.

de várias cidades e transformaram muitas cidades britânicas em comunidades multiculturais. Os imigrantes são diferenciados conforme suas origens. Segundo Stuart Hall (2003: 69), entre as duas maiores comunidades pós migratórias não brancas na Grã-Bretanha o termo raça é aplicado aos afro-caribenhos e etnicidade aos asiáticos. A categoria raça não é científica, é uma construção política e social. A etnicidade gera um discurso em que a diferença se funda sob características culturais e religiosas. Há muitas situações no mundo em que a etnicidade e não a raça tem sido foco de conflitos de exclusão (72) Tem havido também aumento significativo da discriminação e exclusão baseado na religião.

No lugar das expressões tradição e modernidade, que tem sido criticadas, Hall propõe que se utilize preferentemente o termo hibridismo. Na Grã-Bretanha muitos se consideram negro-e-britânico ou asiático-britânico.

Inspirados em Hall, podemos também dizer que na sociedade multicultural brasileira o termo raça é mais aplicado aos afro-descendentes enquanto às comunidades ameríndias é mais aplicada o termo etnicidade. Nossos índios e negros também se consideram índio-brasileiro e negro-brasileiro e nossa cultura também se caracteriza pelo hibridismo e pelo multiculturalismo que no passado foram negados e hoje passam a ser mais reconhecidos.

Segundo Burke (2003: 16) muitos pesquisadores de diferentes áreas estão dedicando cada vez maior atenção aos processos de encontro, contato, interação, troca e hibridização cultural. O preço da hibridação é a perda de tradições regionais e locais e também o aparecimento de reações étnicas ou nacionalistas bem como a tensão entre regionalismo e mestiçagem ou o surgimento de separatismos, segregacionismos e fundamentalismos, como entre grupos muçulmanos ou na Igreja de Bento XVI ao afirmar reafirmar que a única verdade cristã se encontra na Igreja Católica.

Burke se refere ao hibridismo nos artefatos, na arquitetura, no mobiliário, nas imagens, na pintura, nos textos traduzidos, na música, na religião, nas festividades, etc. A este respeito lembra a “Heresia dos índios”, estudada por Ronald Vaifas ao analisar a santidade do Jaguaribe na Bahia em 1580. Podemos também no final do séc. XX e atualmente no séc XXI lembrar a religião do Santo Daime fundada no Acre pelo padrinho Sebastião, com elementos do tambor de mina, da dança de São Gonçalo, da umbanda e de outras fontes, como religião eminentemente sincrética e híbrida. Peter Burke (2003: 32) lembra também a idéia de circularidade cultural. Burke comenta o exemplo do hibridismo no carnaval transplantado da Europa para o Novo Mundo, com intensa participação das mulheres, talvez devido à importância das mulheres nas danças religiosas africanas. Burke (2002: 37) lembra que a conversão é também uma forma de hibridismo.

As expressões troca cultural, empréstimo cultural, aculturação, transculturação, acomodação, assimilação, sincretismo e outros termos correlatos foram muito utilizados pelos antropólogos norte-americanos, no sentido de que a cultura dominada adota características da cultura dominante. Estas categorias usadas até os anos de 1960 depois caíram de moda quando se passou a refletir mais sobre o colonialismo e a dominação.

Burke considera que hoje todas as tradições culturais estão em contato, que em nosso mundo nenhuma cultura é uma ilha e que fica cada vez mais difícil manter a insularização de culturas. As tradições culturais estão em contato com tradições alternativas. Como exemplos disso podemos citar no Maranhão, de um lado o bumba-meu-boi tradicional que se altera com a presença de grupos alternativos que cada vez mais substituem os antigos sotaques de zabumba e de matraca e por outro lado Casa das Minas (fundada no séc XIX por africanos, que se continua até hoje), que era considerada como uma ilha de resistência africana, como afirma Roger Bastide (1971) e que se continua numa fase centenária de declínio e de quase desaparecimento (Ferretti, 1996). Para Burke (2003: 102), em relação às religiões afro-brasileiras não se pode dizer que o candomblé é africano e puro ou que a umbanda é híbrida. Para Burke pode-se dizer que as

tradições africanas são mais importantes no candomblé do que na umbanda, mas todas as formas culturais são mais ou menos híbridas.

Outro pesquisador que tem discutido o multiculturalismo é o sociólogo Andréa Semprini. Segundo Semprini (1999) as controvérsias em torno do multiculturalismo nos Estados Unidos tem se demonstrado violentas e politizadas tornando-se difícil evitar escrever a favor ou contra este fenômeno, que na Europa tende a ser considerado com maior condescendência, como um fenômeno norte-americano. Semprini considera que o debate multicultural levanta problemas teóricos complexos, relativos ao papel da linguagem, à construção do sujeito, à teoria da identidade. Para Semprini o multiculturalismo ilustra a mutação em curso nas sociedades pós industriais e surge como um indicador da crise do projeto da modernidade. Segundo ele, para se compreender a situação específica do multiculturalismo nos Estados Unidos, é preciso levar em conta os seguintes fatores: a questão indígena; a escravidão e o apartheid; as migrações religiosas; a matriz anglo-saxônica; os fluxos migratórios e as mudanças demográficas.

No pós-guerra a sociedade norte-americana experimenta uma verdadeira diversificação de sua base étnica. Ela começa a se distanciar da base branca e européia. A partir de 1970 a percentagem de americanos brancos já em declínio, acelera mais o processo de crescimento. São os grupos asiáticos e latino-americanos que registram taxas de aumento mais significativas.

Para entender o multiculturalismo no Brasil podemos lembrar que desde o início nosso país surgiu do contato entre diferentes culturas. Neste contato predominava a cultura de origem européia, sendo que o hibridismo e o multiculturalismo foram negados por muito tempo e atualmente começa a ser pensado e discutido.

O multiculturalismo se opõe ao etnocentrismo, que é uma dificuldade de pensar a diferença e se considerar como centro do universo e superior aos demais. O etnocentrismo valoriza os preconceitos raciais e se opõe à relativização. Herskovits (1969, p. 90) define o etnocentrismo como mecanismo primário que funciona na avaliação da cultura e é conatural à maior parte dos indivíduos. “É o ponto de vista segundo o qual o próprio modo de vida de alguém é preferível a todos os outros.” Segundo Lévi-Strauss (1976) a diversidade das culturas raramente foi vista como um fenômeno natural, mas como um escândalo e recusar a admitir a diversidade cultural é um fenômeno profundamente enraizado na maioria dos homens.

Estudando o problema da identidade cultural na pós-modernidade, Stuart Hall (2000: p. 80-83) considera que uma das consequências da globalização é o reforço das identidades locais. Destaca a importância do fenômeno migratório de após a Segunda Guerra Mundial, com o extraordinário movimento de pessoas das periferias para o centro, numa migração não planejada impulsionada pela pobreza, o subdesenvolvimento, guerras, mudanças de regimes políticos, etc. Estas migrações ocorreram nos Estados Unidos, na Europa e em toda parte, do campo para as cidades levando a uma pluralização de culturas e de identidades nacionais. Afirma (Id: p. 91) que algumas pessoas consideram que o hibridismo e o sincretismo - a fusão entre diferentes tradições culturais - constituem poderosa fonte criativa, que produz novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia, embora outros considerem que o relativismo daí decorrente implica num aumento dos fundamentalismos.

Desde as últimas décadas do séc XX o problema da pós-modernidade tem despertado o interesse das ciências sociais a partir de estudos sobre o saber, o conhecimento, a pesquisa científica, a narrativa dos textos etnográficos e outros temas correlatos. Na antropologia surgiram importantes debates sobre a autoridade e a linguagem etnográfica. Estes temas tem

sido discutidos em trabalhos de autores como J. F. Lyotard, A Giddens, S. Hall, Cl. Geertz, J. Clifford, G. Marcus, G. Stocking e outros.

Em artigo clássico sobre o assunto, Teresa Caldeira (1988: p. 133) considera que: “O antropólogo contemporâneo tende a rejeitar as descrições holísticas, se interroga sobre os limites da sua capacidade de conhecer o outro, procura expor no texto as suas dúvidas e o caminho que o levou à interpretação sempre parcial”. A antropologia e as ciências sociais atualmente têm passado por um processo de autocritica, que está relacionada também com a problemática atual do multiculturalismo e com os enfrentamentos dos colonialismos. Segundo Tereza Caldeira (1988: p. 135): “mudaram as condições em que se faz o trabalho de campo e o contexto em que se escreve sobre o outro”. Neste contexto de repensar o conhecimento científico, a problemática do hibridismo, do sincretismo e o modo de se escrever sobre estes e outros assuntos colocam-se como temas atuais de interesse da antropologia.

2. Sincretismo:

O sincretismo parece-nos evidente, no Brasil, pela própria história do país. Nossos colonizadores portugueses sempre contaram, em seu território, com a presença de povos de procedências diversas, desde os romanos, na Antigüidade e através de toda a Idade Média, com os chamados povos bárbaros, e, depois, com os árabes e judeus, até a época dos descobrimentos. Fomos formados, depois, com a contribuição das mais diversas culturas, procedentes do continente africano, que se somaram às numerosas nações indígenas encontradas em nosso vasto território. Assim o contato entre múltiplas culturas sempre foi característico de nossa sociedade, embora na maior parte do tempo, com predomínio da cultura branca dominante. O antropólogo Roberto da Matta, em diversas reflexões sobre a sociedade brasileira, defende o ponto de vista de que:

Devemos dar mais atenção a palavras como ‘misturas’, ‘confusão’, ‘combinação’ e outras mais, que designam aquilo que verdadeiramente é necessário conhecer: os interstícios e as simultaneidades ou, como tenho afirmado no meu trabalho, as ‘relações’ (1993, p. 129).

Em trabalho anterior, afirma que

[...] a sociedade brasileira é relacional. Um sistema onde o básico, o valor fundamental é relacionar, misturar, juntar, confundir, conciliar. Ficar no meio, descobrir a mediação e estabelecer a gradação, incluir (jamais excluir). Sintetizar modelos e posições parece constituir um aspecto central da ideologia dominante brasileira (Da Matta, 1987, p. 117).

Por isso mesmo, o sincretismo tem sido bastante discutido entre nós. Entretanto, parece curioso que, justamente aqui, haja tanta rejeição a esse conceito. Como afirmamos anteriormente,

Sincretismo é palavra considerada maldita que provoca mal estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, como sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes, ou imposição de evolucionismo e do colonialismo (Ferretti, S., 1999, p. 113).

O sincretismo como sabemos possui muitos aspectos. Josué Tomasini Castro diz que: “ao pensar em sincretismo, pode-se pensar em: negociação, interação, confronto, transmissão, mistura, adaptação, assimilação, sondagem, transposição, identificação, simbiose, fusão, amálgama, alienação, dinamismo, confluência, interação, etc.” (CASTRO, 2006: 29)

Herskovits (1969: 376) define sincretismo como uma forma de reinterpretação, que assinala aspectos da mudança cultural com transformações de valores que ocorrem entre as gerações e apresenta exemplos relacionados com as religiões afro-brasileiras

Até fins da década de 1950 os estudos sobre sincretismo religioso no Brasil foram quase todos realizados na perspectiva da teoria da aculturação. Sabemos que nesta época os estudos da teoria da aculturação na Antropologia passaram a ser muito criticados no âmbito das Ciências Sociais no Brasil e em outros países (CORRÊA: 1995). Para Renato Ortiz (1978) a noção de aculturação valoriza a cultura em detrimento da sociedade. Para Clovis Moura (1988) o culturalismo exclui a historicidade dos contatos.

Bastide (1971: 523) fala em interpenetração de civilizações utilizando os conceitos de resistência, conservação, adaptação, sincretismo, assimilação e contraculturação. Diz que os antropólogos substituem cada vez mais a expressão aculturação por mudança cultural. Bastide se preocupou com uma sociologia em profundidade e procurou compreender o encontro ou contato entre civilizações diferentes numa sociologia da interpenetração de civilizações.

Segundo Terry Rey (2005: 454) o sincretismo é uma forma de hibridismo cultural que pode melhor ser entendido com a noção de habitus religioso:

“O caráter híbrido do simbolismo, da mitologia, do ritual e das divindades foram os principais centros de interesse nos estudos sobre sincretismo, mas na realidade estes são produtos deste sincretismo ou signos exteriores. O processo do sincretismo religioso não pode, entretanto ser explicado estabelecendo o parentesco entre estes sub-produtos. Proponho considerar que o sincretismo religioso é em princípio um processo teológico, epistemológico e integrativo que não pode ser explicado em toda sua complexidade sem uma atenção particular ao lugar de onde emerge. Considero que este lugar é precisamente o que Bourdieu denomina de habitus religioso - ou a “matriz de percepção” - através da qual uma pessoa filtra todas as suas experiências e todos os estímulos religiosos que lhe chegam ... O hábitus religioso segundo Bourdieu pode ajudar a compreender a força integrativa da teologia popular no desenvolvimento do sincretismo da religião afro-católica.

Peter van der Veer (2005: 196) considera que o sincretismo se refere a uma política de diferença e identidade e que a noção de poder é crucial no seu entendimento, indicando as práticas verdadeiras das falsas. Sugere que o termo sincretismo nas sociedades com cultura religiosa seja substituído pelo termo multiculturalismo nas sociedades com cultura secular Segundo van der Veer (2005: 209), “o multiculturalismo parece ter substituído o termo sincretismo no discurso sobre a sociedade moderna e secular”. Ambos os termos pertencem a um discurso de tolerância e harmonia.

Segundo Stuart e Shaw (2005:7/8) sincretismo não é um termo com significado fixo, pois seus sentidos foram historicamente constituídos e reconstituídos. Identificar um ritual ou tradição como sincréticos é dizer pouco pois todas as religiões têm origens compostas e são continuamente reconstituídas. Parece mais importante focalizar o processo da síntese religiosa.

Stuart e Shaw lembram que é importante confrontar o sincretismo com o anti-sincretismo, que se relaciona com a construção da autenticidade e com a noção de pureza e que tanto as tradições puras quanto as sincréticas podem ser autênticas.

Alguns pensadores têm refletido sobre a experiência da participação em duas religiões diferentes. O sacerdote jesuíta espanhol R. Panikkar, de origem indú tem feito reflexões sobre inter-relações entre o catolicismo e o budismo. Para Panikkar a compreensão do outro acarreta uma conversão, pois compreender implica compartilhar questões mais profundas e fundamentais. Panikkar considera fertilizante a influência mútua entre religiões diferentes e procura vivenciar ao mesmo tempo duas tradições religiosas diferentes, refletindo num diálogo enriquecedor sobre o contato entre culturas diferentes, procurando satisfazer exigências duplamente opostas de ortodoxia.

Panikkar (1978: p. XIX) utiliza o arco-iris como um dos modelos do encontro entre diferentes tradições religiosas. O verde não é o amarelo mas nas margens se assemelham e se misturam. A mistura de cores pode originar uma cor diferente. Considera que muitas religiões resultam destas fecundações mútuas. Para Panikkar a metáfora do arco-iris mostra que a variedade de religiões pertence à riqueza da situação humana e apresenta uma visão da dimensão religiosa humana e ajuda a explicar a complexidade antropológica do fenômeno religioso.

Como diz Panikkar (1978: p 91):

Podemos acrescentar uma reflexão sobre a distinção entre ecletismo e sincretismo. O primeiro é uma mistura não crítica de tradições religiosas e um acordo obtido eliminando possíveis discrepâncias em favor de um denominador comum amorfo. O sincretismo, por outro lado é atingido com uma possível assimilação de elementos que deixam de ser corpos estranhos, permitindo o crescimento dentro de cada tradição tornando como opção genuína a fecundação mútua de tradições religiosas.

A pluralidade, a mistura, a diáspora são características da realidade brasileira. O antropólogo italiano Massimo Canevacci (1996) considera o sincretismo como o lado positivo da diáspora. Afirma que diáspora é mãe do sincretismo. Segundo Canevacci (1997: p. 13): “Assumimos aqui o sincretismo como termo-chave para a compreensão da transformação que está se dando naquele processo de globalização e localização que envolve, transforma e arrasta os modos tradicionais de produção de cultura, consumo, comunicação.”

Durante mais de um século, através de correntes teóricas diferentes, muita coisa foi escrita sobre o sincretismo. Alguns acham que se deve evitar falar em sincretismo. Outros falam em dessincretização, ou africanização e reaficanização, em relação às religiões de origens africanas no Brasil. Historiadores preocupados com as mentalidades e a vida cotidiana discutem esse problema, que antes era considerado específico da Antropologia. A trajetória do conceito permite visualizar disputas acadêmicas e políticas, que acompanham análises de nossa realidade. Sincretismo, cultura, identidade, etnicidade e outras categorias sociais complexas necessitam continuar a serem pensados e repensados, com a colaboração de diferentes ciências e correntes de pensamento. É importante lembrar que a própria definição dessas diversas categorias, como do fenômeno do sincretismo, continua constituindo um desafio para os especialistas. Hoje o sincretismo é visto como multiculturalismo, que como o sincretismo é igualmente conceito bastante polêmico e possui múltiplos significados.

3. Festa do Divino e sincretismo:

Podemos exemplificar o interesse deste estudo falando um pouco sobre o ritual da festa do Divino Espírito Santo que em S.Luís do Maranhão é realizada, sobretudo nos terreiros de culto afro denominados de Tambor de Mina.

A Festa do Divino é uma tradição do Catolicismo e da cultura popular, muito encontrada em várias regiões do país, com características próprias em cada lugar. Em São Luís do Maranhão, é organizada principalmente por afro-descendentes, em Terreiros de Tambor de Mina, e nela se destacam os toques das caixeiros. É uma festa com organização minuciosa e complexa, com uma seqüência barroca de rituais, que não podem deixar de ser executados.

A festa do Divino realizada nos terreiros de Tambor de Mina constitui-se um dos principais elementos que evidenciam a presença do sincretismo religioso nas religiões afro-maranhenses. O ritualismo barroco e minucioso, evidenciado nos cânticos lentos e demorados das caixeiros e nas longas cerimônias da festa do Divino nos terreiros é, também, encontrado em outros rituais do Tambor de Mina, lembrando o Te Deum e as Missas Solenes da Igreja Católica. O exagero barroco de rituais em contraste com a sóbria discricção dos participantes constitui característica desta e de outras festas populares no Maranhão.

Como dissemos em outro trabalho (Ferretti, S. 1995: 187), o sincretismo da festa do Divino nos Terreiros de Mina pode ser visto como paralelismo entre religiosidade e rituais de origem africana e do catolicismo popular, como se fossem duas retas que se encontram no infinito. Paralelismo de idéias e valores que estão próximos, mas não se misturam nem se confundem.

A festa do Divino reflete aspirações de abundância e de glórias do passado que estão presentes nas classes populares. É uma festa comunitária que ritualiza a colaboração e a fartura conseguida através da organização e da criatividade popular. É uma festa solene e muito ritualizada que se destaca mais pelo cumprimento do dever e da obrigação, do que pelos elementos de brincadeira, que, entretanto, estão presentes em certos momentos. No passado a festa do Divino nos terreiros era considerada como uma heresia pelos setores mais conservadores da Igreja Católica. Hoje a o catolicismo oficial a encara com maior condescendência, considerando-a como um fenômeno cultural das classes populares, mas com raras exceções, o clero católico em geral não entende muito bem o significado profundo desta festa.

Há pelo menos dois elementos estruturantes das religiões afro-brasileiras que estão presentes na Festa do Divino nos terreiros. Um deles é o oráculo ou previsão do futuro, quando os participantes consideram que qualquer erro nos rituais da festa implica na ocorrência de infortúnios para membros do grupo. Outro elemento é a o símbolo da descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, que pode ser comparado com o recebimento das entidades em transe pelos médiuns. Nestes como em outros elementos encontramos paralelismos entre as religiões afro e o catolicismo.

Nesta festa a idéia de segredo e de mistério, fundamental nas tradições afro-brasileiras se associa ao mistério das três pessoas em uma, representadas pelo Pai, Filho e Espírito Santo. Ao mesmo tempo a realização de festas constitui outro elemento típico do catolicismo popular e das religiões afro-brasileiras. Vemos que a Festa do Divino constitui um bom exemplo para se estudar a associação íntima entre a religião, cultura popular e sincretismo.

4. Depoimento pessoal:

Depois de comentários sobre a sociedade multiculturalista em que vivemos e sobre o sincretismo em nosso país, vamos apresentar alguns elementos de um depoimento pessoal. Eu

que já não sou novo recentemente apresentei depoimento no livro *Memórias de Velhos* (Ferretti, 2005) para a SECMA, entrevistado pelo Prof. Antônio Torres Montenegro da UFPE. Acho que posso também tratar destes temas comentando um pouco de minha experiência de vida e falando em nossa sociedade.

Nasci em ambiente familiar de classe média no Rio de Janeiro em que algumas pessoas eram católicas e outras praticavam o espiritismo, mas a sociedade envolvente se considerava católica. Embora sempre estudando em escolas públicas enfrentei problemas existenciais com esta dupla pertença. Parte de minha família paterna era católica e parte freqüentava o espiritismo, mais cultuado na família de minha mãe. Essa situação gerou em mim certo conflito. Eu achava que o espiritismo não era bem aceito, sobretudo no ambiente escolar, nas escolas públicas e tinha a impressão que havia uma crítica velada ao espiritismo. Acompanhava as vezes minha mãe a seções espíritas mas admirava mais o lado católico da família. Gostava de dizer que minha avó paterna tinha uma irmã que era freira. Eu sentia certa vergonha em dizer que minha família era espírita. Minha avó que era minha madrinha me deu a roupa para que eu fizesse a primeira comunhão na escola.

No fim da adolescência creio que tive uma crise de fé e me converti ao catolicismo. Ao terminar o curso secundário, saí de casa e resolvi entrar para um convento beneditino. Admirava, sobretudo a beleza da liturgia católica, o nível intelectual dos monges que eram todos formados em cursos superiores, a grande biblioteca do mosteiro, as obras de arte barroca e o ambiente intelectual envolvido em literatura e artes. Depois de certo tempo saí do mosteiro e ingressei na Faculdade Nacional de Filosofia, mas continuei praticando o catolicismo ainda por uns dez anos. Depois disso abandonei a prática e entrei em contato com as religiões afro-brasileiras e enquanto observador participante, quase que me converti ao tambor de mina. Meu filho também deve ter tido em parte problemas similares e aos seis ou sete anos, estudando em uma escola católica resolveu por conta própria, convidar um tio para ser seu padrinho, pois não era batizado e considerado como pagão nas escolas católicas em que estudava. Foi batizado, depois fez a primeira comunhão. Assim esta trajetória do catolicismo ao kardecismo e às religiões afro-brasileiras, creio que é muito recorrente em nossa sociedade multicultural.

Em conclusão constatamos que multiculturalismo e sincretismo são conceitos complexos que possuem elementos comuns. Ambos são discutíveis, contestados e negados, tem a ver com misturas e se opõem a reivindicações de pureza. Relacionam-se com o hibridismo, com a diversidade étnica, cultural e religiosa e com a mestiçagem, que foram negados no passado, mas que estão muito presentes no Brasil. Em nossa sociedade o etnocentrismo e os preconceitos religiosos são freqüentes e são enfrentados de diferentes maneiras. Esperamos que com a perspectiva multiculturalista que se impõe hoje, o sincretismo religioso seja aceito com maior naturalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAHBA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: EdUFMG, 2003.
- BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil. Contribuições à uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.
- BURKE, Peter. Hibridismo cultural. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia.. In: Novos Estudos CEBRAP. São Paulo: Julho 1988, nº 21, pp 133-157.
- CANEVACCI, Massimo. Sincretismos. Uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

- CASTRO, Josué T. Discursos Herero Sobre Uma África Cristã. Contribuições antropológicas para a compreensão de fenômenos sincréticos. Porto Alegre: PUC/RGS/ Dep C. Sociais, 2006. Monografia de conclusão da graduação no C. C. Sociais.
- CORRÊA, Mariza. A Antropologia no Brasil (1960-1980). In: MICELI, Sergio (Org.). História das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: IDESP/FAPESP/ Ed. Sumaré, 1995: 25-106.
- DA MATTA, Roberto. A Casa e a Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- _____. Conta de Mentiroso. Sete ensaios de antropologia brasileira, Rio de Janeiro: Roço, 1993.
- FERRETTI, Sergio F. Depoimento, In: SÁ, Aríete B. e Outros. Memórias de Velhos. Depoimentos Vol. VI. Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: SECMA/CMF, 2006.
- _____. "Sincretismo Afro-Brasileiro e Resistência Cultural", CAROSO, C. & BACELAR, J. (Org.) Faces da Tradição Afro-Brasileira. Rio de Janeiro/Salvador: Pallas/CEAO, 1999, p.113-130.
- _____. Repensando o Sincretismo. São Paulo: EDUSP, 1996.
- GILROY, Paul, O Atlântico Negro. Rio de Janeiro: UCAM /Ed.34, 2001 (Orig. 1993)
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Ed. 2000. (Original 1992).
- _____. Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte/ Brasília: Ed.UFMG/ UNESCO, 2003.
- HERSKOVITS, Melville J. Antropologia Cultural. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1969.
- LEOPOLD, Ana M. e JENSEN, Jeppe S. Syncretism in Religion. A Reader. New York: Routledge, 2005.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. São Paulo: Victor Civita, 1976 (Orig. 1950).
- MOURA, Clóvis. Sociologia do Negro Brasileiro. São Paulo: Ática, 1988,
- ORTIZ, Rento. A morte branca do feiticeiro negro. Umbanda e integração em uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes, 1978.
- PANIKKAR, R. The Intrareligious Dialogue. New York: Paulist Press, 1978.
- REY, Terry. Habitus et hybridité: une interpretation du syncretism dans la religion afro-cathokique d'après Bourdieu. In: Social Compass. Louvain: Vol. 52, n. 4. Dec. 2005, pp 453-462.
- SEMPRINI, Andréa - Multiculturalismo. Bauru. SP: EDUSC, 1999.
- VEER, Peter van der. Syncretism, multiculturalism and the discourse of tolerance. In: STEWART, Ch. And SHAW, R. (Eds.) Syncretism/Anti-Syncretism. The politics of religious synthesis. London and New York: Routledge, 2005, pp 196-211.

RESUMO:

Multiculturalismo e Sincretismo

Visões sobre o multiculturalismo e o hibridismo cultural no mundo de hoje na perspectiva de Stuart Hall, Andréas Semprini, Peter Burke e outros. Considerações sobre o sincretismo e sua presença em nosso país. Festa do Divino e sincretismo. Depoimento pessoal.

Palavras chave: Multiculturalismo - Sincretismo - Religiões populares - Etnocentrismo

Abstract

Multiculturalism and Syncretism

Views or aspects of multiculturalism and the cultural hybridism in the world of today in the perspective of Stuart Hall, Andréas Semprini, Peter Burke and others. Appreciations of the syncretism and its presence in our country. Divine Feast and syncretism. Personal testimony.

Key Words: Multiculturalism, Syncretism, Popular Religions, Ethnocentrism

Nota Bibliográfica: Sergio F. Ferretti, é doutor em Antropologia, professor do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA. Publicou entre outros os livros e artigos: Repensando o Sincretismo (Edusp, 1995); Querebentã de Zomadonu (Edufma, 1996); Tambor de Crioula: ritual e espetáculo (CMF, 2002).

e.mail: ferretti@elo.com.br